

Apresentação do texto “Objetividade e ilusionismo em economia” de Celso Furtado

Renata Bianconi e Alexandre Macchione Saes

Escrito em pleno “milagre” econômico brasileiro, o artigo ora reproduzido insere-se no conjunto de reflexões críticas de Celso Furtado sobre a política econômica em curso no Brasil, propalada como um novo modelo de desenvolvimento. O problema da concentração da renda decorrente do processo de aceleração do crescimento então experimentado pelo Brasil seria particularmente sublinhado por Furtado. Neste artigo, último capítulo de *O mito do desenvolvimento econômico*, Furtado propõe uma discussão sobre os métodos empregados pela ciência econômica e denuncia a manipulação de conceitos por economistas adeptos de uma ciência econômica desvinculada da multidimensionalidade da realidade social.

Vale lembrar que a produção dos textos de *O mito do desenvolvimento econômico*, parte deles resultantes de sua permanência na Universidade de Cambridge como professor de desenvolvimento econômico, entre 1973 e 1974, marcam um tom significativamente mais crítico de Celso Furtado em relação à ciência econômica. Se as ponderações quanto a teoria econômica eram centrais em suas teses desde os anos 1950, tão bem sistematizadas em 1961 com *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, foi neste período da década de 1970 que suas formulações sobre o desenvolvimento tomaram tons melancólicos: “concebido como a reprodução das formas de vida dos atuais países ricos, tem limites evidentes, não é mais do que uma miragem” (Furtado, 2014, p.520).¹

Ao longo de sua trajetória intelectual e como homem de ação, portanto, Furtado esteve comprometido com a compreensão do fenômeno histórico específico do subdesenvolvimento e com os caminhos para sua superação. O papel dos economistas nesse processo de transformações sociais e culturais que é o desenvolvimento foi também preocupação permanente de Furtado. Em *A pré-revolução brasileira* (1962),² Furtado chamaria a atenção para as particularidades da ciência econômica, bem como do ofício do economista,

¹ Os artigos redigidos em Cambridge, publicados depois no livro de 1974, receberam publicação na *Review of Political Economy* vol.33 (1), de 2021. Para comentários sobre os textos, conferir: Loureiro et al. (2021).

² Conferir especialmente os capítulos “Da objetividade do economista” e “A formação do economista em país subdesenvolvido” (Furtado, 1962, cap. 6 e 7).

especialmente em um país subdesenvolvido. Não acreditando em uma ciência econômica pura, independente de julgamentos de valor e da aceitação de princípios de convivência social, Furtado indicaria os limites da objetividade do economista e a irracionalidade da aceitação, como universais, de teorias formuladas para realidades delimitadas no tempo e no espaço. Sugeria que os economistas, de sólida base metodológica, clara compreensão do método científico, seriam necessariamente heterodoxos: não em nossa acepção contemporânea, mas como economista em que a imaginação seria instrumento de trabalho e a capacidade crítica ao estabelecido garantiria a independência de seu pensamento (Furtado, 1962, p.98).

Em sua formação, portanto, um economista preocupado com os problemas do desenvolvimento não poderia prescindir de uma clara percepção do mundo real, das distintas realidades empíricas. Especialmente a partir da segunda metade dos anos 1970, Furtado manifestaria profunda insatisfação com os rumos da ciência econômica, sustentando, em *Prefácio a Nova Economia Política* a necessidade de reconstrução do quadro conceitual empregado pelos economistas, em busca de uma visão global das estruturas sociais.

Em seus últimos livros, Celso Furtado reitera o diálogo com os jovens economistas e pesquisadores, num exercício tanto de trazer reminiscências de sua própria trajetória, mas especialmente para estimular o senso crítico das novas gerações. Como diz Furtado no documentário *O longo amanhecer*, de José Mariani, esses livros, produzidos nas décadas de 1990 e 2000, eram instrumentos de “divulgação” e “abertura” para alcançar o grande público e estimular a reflexão sobre “para onde vamos”.

Em *Brasil: a construção interrompida*, por exemplo, ao discutir a armadilha histórica do subdesenvolvimento, Furtado apresenta “sugestões aos novos pesquisadores”. Eram proposições de temas e problemas contemporâneos, indicando possíveis caminhos para iluminar a tarefa de superação do subdesenvolvimento, mas reconhecendo que tal tarefa cabia agora “a atual geração de economistas” (Furtado, 1992, p. 54-57).

Em *O longo amanhecer* (1999) e *O capitalismo global* (2000), respectivamente com os capítulos “Mensagem aos jovens economistas” e “A longa marcha da utopia”, Furtado percorre sua trajetória como economista e homem público. Tal exercício explicita como seu permanente olhar crítico e independente para os debates teóricos, assim como seu método histórico, o vacinou de assimilar proposições simplistas como de transpor formulações teóricas hegemônicas sem a devida mediação com o real.

Quarenta anos depois de seus ensaios publicados em *A pré-revolução brasileira*, no ano de 2002 retoma a ideia de ser um economista heterodoxo com a publicação do livro *Em busca de novo modelo*. Com o capítulo “A responsabilidade do economista”, afirma: “Hoje posso dizer que fui heterodoxo. E acrescentar que as heterodoxias, assim como as heresias, desempenham importante papel na história dos homens” (Furtado, 2002, p.80).

A análise da crise da civilização industrial, com a exacerbação da percepção dos problemas ecológicos derivados de um estilo de desenvolvimento predatório e com o aprofundamento das desigualdades entre países centrais e periféricos, seria tema privilegiado na obra de Furtado, particularmente em sua produção intelectual a partir de *O mito do desenvolvimento econômico*. No breve capítulo aqui reproduzido, em que sublinha a mistificação de conceitos em economia, estão condensadas preocupações de Furtado que demonstram a atualidade de seu pensamento e sua importância para futuras reflexões sobre os problemas do subdesenvolvimento.

Referências

FURTADO, C. M. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, C. M. *A pré-revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

FURTADO, C. M. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974.

FURTADO, C. M. *Prefácio a Nova Economia Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FURTADO, C. M. *Brasil a construção interrompida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, C. M. *O capitalismo global*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

FURTADO, C. M. *O longo amanhecer*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

FURTADO, C. M. *Em busca de novo modelo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

FURTADO, C. M. *Obra autobiográfica*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

LOUREIRO, P.; RUGITSKY, F. & SAAD-FILHO, A. Celso Furtado and the Myth of Economic Development: Rethinking Development from Exile. *Review of Political Economy*, 33 (1), 2021, pp. 28-43.